

Gramsci: um pensador inquieto e um ativista de coração

O jornalista e militante Antonio Gramsci destacou-se no cenário político italiano do século XX. Legou aos movimentos de esquerda inúmeros cadernos e cartas recheados de reflexões; porém, acima de tudo foi um humanista e defensor da democracia

Por **Fernanda Quinta** Fotos: **Fondazione Istituto Gramsci** Ilustração: **Milton Costa**

Gramsci, Granusci, Grámisci... Antonio Gramsci era confundido pelos mais diversos nomes. Esse homem de pequena estatura, medindo apenas um metro e meio, nascido na desafortunada Ilha da Sardenha, mais precisamente em Ales, na província de Cagliari, era conhecido, nas décadas de 1920 e 1930, por um círculo ainda estreito de intelectuais e engajados políticos. De lá para cá, agigantou-se de tal forma que sua figura continua no rol de estrelas da intelectualidade a influenciar os movimentos políticos na Itália, no Brasil e no mundo.

Carinhosamente apelidado pela família de Nino, o quarto dos sete filhos de Francesco Gramsci e Giuseppina Marcias nasceu em 22 de janeiro de 1891. Sua saúde débil exigiu que aos quatro anos fosse submetido aos cuidados de uma babá: desde criança, Nino apresentava uma deficiência física na coluna vertebral, uma corcunda, cuja causa, suspeita-se hoje, talvez tivesse sido a doença de Pott (ou tuberculose vertebral), um tipo de tuberculose óssea diagnosticada décadas mais tarde, no período em que ficou encarcerado. Somadas a essa dificuldade, as privações eco-

nômicas levaram a família de Gramsci a viver sob condições muito penosas.

Em 1911, no entanto, Nino ganhou uma bolsa de estudos que lhe permitiu ingressar na Faculdade de Letras e Filosofia de Turim, onde nasceu seu interesse pela área da linguística. Engajou-se nos movimentos literários e políticos da cidade, e entrou para o Partido Socialista Italiano (PSI) em 1913, atitude que fez acender nele o jornalista militante que desistiria do diploma de Letras para se envolver mais intensamente com política. Dois anos depois, começou a trabalhar na redação turinense do jornal *Avanti!*, órgão do PSI, escrevendo sobre teoria política. Colaborava também com artigos e notas para o *Il Grido del Popolo*, do qual se tornou

dirigente pouco depois, ressaltando o caráter socialista da Revolução Russa (1917). Em 1919, fundou o periódico *L'Ordine Nuovo*, uma publicação dedicada à "cultura socialista", como enfatizava o subtítulo. O escopo do jornal era servir de instrumento de investigação cultural e também como um órgão de luta política, ligando-se ao movimento turinense dos chamados con-



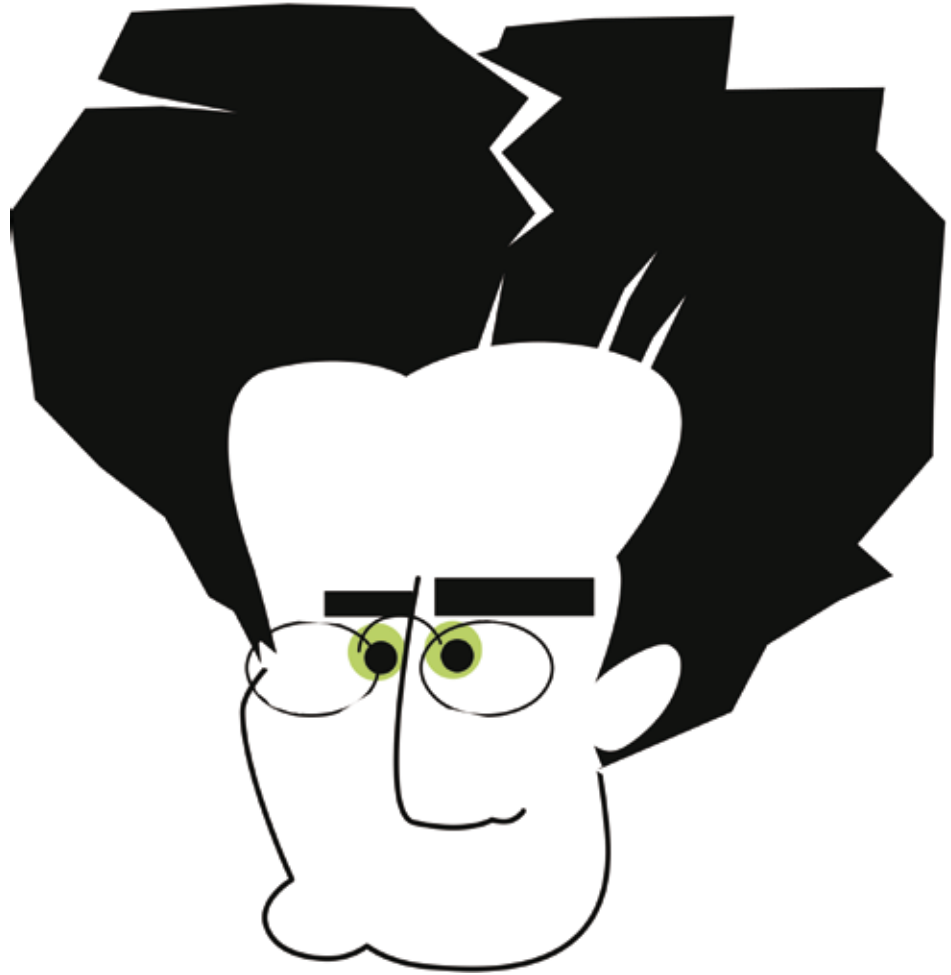
Da esquerda para a direita, Gramsci é o primeiro menino, à época, com 5 ou 6 anos (foto de 1905)

selhos ou comitês de fábrica (*comissioni interne*), voltados essencialmente para o operariado.

Gramsci participou da cisão do PSI, em 1921, momento decisivo para o surgimento do Partido Comunista Italiano, o PCI, em Livorno, do qual foi um dos cofundadores e dirigentes. Foi enviado em 1922 para Moscou como representante do partido na Internacional Comunista (ou *Komintern*, organização internacional fundada por Vladimir Lenin para reunir os partidos comunistas dos diversos países). Lá conheceu a violinista e futura esposa Giulia Schucht, com quem teve dois filhos, Delio e Giuliano – depois de preso, Gramsci não viu mais Delio e só conheceu o segundo filho por meio de cartas e fotos. Em 1924, foi eleito para o Parlamento, lutando contra o movimento fascista, que recrudescia na Itália. A conjuntura mundial tensionava dia após dia.

Enquanto o nazifascismo triunfava na Europa dos anos 30, o stalinismo ascendia na União Soviética. Foi nesse contexto que as questões levantadas pelo filósofo ganharam ainda mais voz, ameaçando com ideias revolucionárias o governo vigente. Por fim, a Itália assistiu ao golpe de Estado fascista, uma dura derrota para os partidos de esquerda, para o jornal *L'Ordine Nuovo*, para os conselhos de fábrica e, sobretudo, para Gramsci, que, com a proibição do PCI pelo regime de Benito Mussolini, e apesar de sua imunidade parlamentar, chegou a ser detido em fins de 1926.

Após ser mantido num confinamento na Ilha de Ustica, ao norte da Sicília, e, em seguida, no cárcere de Milão, foi julgado e condenado em Roma, no ano de 1928, pelo Tribunal Especial para a Defesa do Estado, que determinou a reclusão do pensador a 20 anos, 4 meses e 5 dias na penitenciária de Turi, província de Bari, onde ficou até 1933. Ainda como preso político, Gramsci foi transferido para uma clínica na cidade de Formia por conta da saúde precária; mesmo após a concessão da liberdade



condicional no ano seguinte, o quadro piorava dia a dia. Morreu na clínica Quisiana, na capital italiana, em 27 de abril de 1937.

O ideário gramsciano

O ideal gramsciano era promover uma revolução proletária. Assim, defendia a tomada de poder pelos cidadãos-trabalhadores; porém, uma tomada que fosse precedida pela formação de uma cultura permeada por valores socialistas e democráticos. Enquanto a maior parte dos intelectuais de esquerda concentrava-se em analisar as relações entre política e economia, dando continuidade ao trabalho do alemão Karl Marx, Gramsci deteve-se a estudar o papel da cultura e dos intelectuais nos processos de transformação histórica.

Para ele, esses intelectuais advindos da classe operária deveriam formular a estratégia que romperia com a hegemonia da classe dominante (burguesia) e elaborar os fundamentos para a consolidação das classes trabalhadoras, atuando como os agentes mais importantes de todo esse processo. A escola



A esposa de Gramsci, Giulia, com os filhos do casal, Delio e Giuliano, em foto de 1933. O pensador só conheceu Giuliano por fotos e cartas, por conta do tempo na prisão e do ativismo político

era vista como o instrumento mais eficaz de transformação. Segundo o historiador Alfredo Bosi, Gramsci “buscava o justo meio entre a conquista da liberdade responsável e a necessidade de uma disciplina intelectual e ética capaz de cumprir as tarefas de construção de uma república a ser erigida pacientemente sobre os escombros de um mundo caduco”. Foi Gramsci quem trouxe à tona da discussão pedagógica o conceito de “cidadania”, afirmando ser um dever da escola tornar o aluno um cidadão.

O legado do cárcere

Mesmo encarcerado, Gramsci não abandonou seu ritmo de intelectual engajado, concentrando-se em um plano de estudos para si. Nos dez anos seguintes, passados longe da esposa Giulia e dos filhos, que viviam em Moscou, escreveu assiduamente 2.500 páginas - escritas à mão em 33 cadernos - e uma quantidade enorme de cartas destinadas a familiares. Foi assim que comunicou a Tatiana, irmã de Giulia, que havia se comprometido a pesquisar sobre a história dos intelectuais italianos, a escrever um estudo de linguística comparada, a fazer um estudo sobre o teatro de Pirandello e

foram posteriormente chamados de *Cadernos do Cárcere* e *Cartas do Cárcere*. A primeira edição das *Cartas* foi publicada em 1947, seguida pelos volumes dos *Cadernos*, divididos, inicialmente, nos temas: *O materialismo histórico e a filosofia de Benedetto Croce* (1948), *Os intelectuais e a organização da cultura* (1949), *O Risorgimento* (1949), *Notas sobre Maquiavel, a política e o Estado moderno* (1949), *Literatura e vida nacional* (1950), *Passado e presente* (1951). A maior parte desse seu legado, publicado postumamente após a Segunda Guerra, foi redigida com uma linguagem cifrada para driblar a censura fascista, modo pelo qual se valia de conceitos como “bloco histórico”, “intelectual orgânico”, “hegemonia” e, quando se referia ao marxismo, “filosofia da práxis”.



Já no fim da vida, em 1935, Gramsci tinha a saúde debilitada. Morreu em 1937, cerca de três anos após ter conseguido liberdade condicional da prisão

a redigir um ensaio sobre os romances de folhetim. “Estou atormentado por esta ideia: de que é preciso fazer algo *für ewig* (para sempre)”, escreveu resolutivo. Tatiana era quem mediava o envio de cartas entre Gramsci e seus interlocutores. Um destes foi Piero Sraffa, autor de *Produção de mercadorias por meio de mercadorias*, um dos mais célebres textos de economia do século XX.

Quatro dos cadernos foram preenchidos por traduções, principalmente do alemão e do inglês, vertendo Marx, Goethe, os irmãos Grimm, entre outros. Os escritos gramscinianos desse período

Para saber mais:

Fondazione Istituto Gramsci, Roma
www.fondazionegramsci.org

Gramsci e o Brasil
www.gramsci.org

International Gramsci Society
www.internationalgramscisociety.org

Carta ao filho Delio, a 22 de fevereiro de 1932

Delio querido, gostei do teu cantinho vivo com pássaros e peixinhos. Se os pássaros escapam às vezes da gaiolinha, não deves agarrá-los pelas asas ou pelas patas, que são delicadas e podem quebrar ou luxar, é preciso empunhá-los pelo corpo todo, sem apertar. Eu, quando menino, criei muitos pássaros e também outros animais: falcões, corujas, cucos, garças, gralhas, pintassilgos, tentilhões, andorinhas; criei uma cobrinha, uma doninha, ouriços, tartarugas. Agora te conto como vi os ouriços fazerem colheita de maçãs. Uma noite de outubro, quando já estava escuro, mas esplendia luminosa a lua, fui com outro menino, meu amigo, a um campo cheio de árvores de fruta, principalmente macieiras. Ficamos escondidos atrás de uma touceira contra o vento. Eis que de repente saem de cova os ouriços, cinco, dois maiores e três pequeninos. Em fila indiana se dirigiram para as macieiras, rodopiaram pela grama e depois se puseram a trabalhar, ajudando-se com os focinhos e as patinhas, faziam rolar as maçãs que o vento derrubara das árvores, e as recolhiam em uma clareira bem pertinho uma das outras. Mas as maçãs espalhadas no chão não bastavam; o ouriço maior, de focinho no ar, olhou em volta, escolheu uma árvore muito curva e encarapitou-se nela, seguido de sua mulher. Os dois pousaram sobre um ramo carregado e começaram a balançar-se ritmicamente; os seus movimentos comunicaram-se ao ramo, que oscilou cada vez mais com bruscos abalos, e muitas maçãs caíram no chão. Reunidas também estas perto das outras, todos os ouriços, grandes e pequenos, se arredondaram, com os espinhos erigidos, e se deitaram sobre os frutos que assim ficavam como que enganchados: alguns tinham poucas maçãs espetadas (os ouricinhos), mas o pai e a mãe conseguiram enfiar sete ou oito maçãs cada um. E enquanto estavam voltando para sua cova, nós saímos do esconderijo, apanhamos os ouriços com um saquinho e os levamos para casa. Eu consegui o pai e dois filhotes e os criei por muitos meses, livres, no quintal; eles davam caça a todos os bichinhos, baratas, besourinhos e comiam frutas e folhas de verdura. Gostavam mais das folhas frescas e assim pude domesticá-los um pouco; não se embolotavam mais quando viam as pessoas.

(...) Vou-te escrever, outra vez, sobre o baile das lebres e sobre outros animais; quero-te contar coisas que vi e ouvi quando menino: a história do potrinho, da raposa e do cavalo que tinha rabo só nos dias de festa, a história do pardal e do kulak, do kulak e do burrinho, do pássaro tecelão, do urso etc.

Te beijo,

Papai

Carta à mãe, 10 de maio de 1928

Caríssima mamãe,

Não quero repetir o que já te escrevi tantas vezes para sossegar-te quanto às minhas condições físicas e morais. Eu queria, para ficar tranquilo de fato, que tu não te amedrontasses nem te perturbasses demais, seja qual for a pena que me derem. Que tu compreendesses bem, e também com o sentimento, que eu sou um preso político e serei um condenado político, que não tenho e não terei nunca de envergonhar-me desta situação. Que, no fundo, a detenção e a condenação eu mesmo as quis, de certo modo, porque não quis jamais mudar as minhas opiniões, pelas quais estaria disposto a dar vida e não só ficar na cadeia.

Que, por isso, eu só posso estar tranquilo e contente comigo mesmo. Querida mamãe, eu gostaria mesmo de abraçar-te muito apertado para que sentisse quanto te quero bem e quanto desejo consolar-te deste desgosto que te dei; mas eu não podia fazer de outro modo. A vida é assim, muito dura, e os filhos às vezes devem dar grandes dores a suas mães se quiserem conservar a sua honra e dignidade de homens. Te abraço ternamente.

Nino.